REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

A ARTE COMO FORMA DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

ART AS A FORM OF SUBJECT CONSTITUTION

Ciências Humanas • 05/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/793586068

Bruno Guedelha[1]

Andressa Costenaro de Alencar[2]

RESUMO

A arte constitui uma forma de expressão humana por meio da qual experiências, sentimentos e interpretações da realidade podem adquirir formas compartilháveis. Este artigo discute a relação entre arte e constituição do sujeito, com atenção à subjetividade, à expressão emocional e à produção de sentidos. O estudo é desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, tomando como referências centrais contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, especialmente as reflexões de Vigotski, além de estudos sobre criação artística e experiência cultural. A discussão considera a arte não como linguagem universal de significado fixo, mas como atividade situada histórica e socialmente, cuja recepção depende da trajetória de cada pessoa. Aborda-se também a possibilidade de que a produção e a apreciação artística favoreçam a elaboração de experiências, sem pressupor efeitos terapêuticos automáticos ou iguais para todos. Conclui-se que a arte pode participar da constituição subjetiva ao oferecer recursos simbólicos para expressar, organizar e compartilhar vivências, desde que sejam consideradas as condições sociais, culturais e relacionais em que a experiência acontece.

Palavras-chave: Arte; Constituição do sujeito; Subjetividade; Psicologia; Expressão.

ABSTRACT

Art is a form of human expression through which experiences, feelings, and interpretations of reality may take shareable forms. This article discusses the relationship between art and the constitution of the subject, focusing on subjectivity, emotional expression, and the production of meaning. The study is based on qualitative bibliographic research, drawing mainly on Cultural-Historical Psychology, particularly Vygotsky’s reflections, as well as studies on

artistic creation and cultural experience. Art is considered not as a universal language with a fixed meaning, but as an activity historically and socially situated, whose reception depends on each person's trajectory. The discussion also addresses how artistic production and appreciation may support the elaboration of experiences, without assuming automatic or identical therapeutic effects for everyone. It concludes that art may participate in subjective constitution by offering symbolic resources to express, organize, and share lived experiences, provided that the social, cultural, and relational conditions of the experience are taken into account.
Keywords: Art; Constitution of the subject; Subjectivity; Psychology; Expression.

1. INTRODUÇÃO

A arte acompanha a vida humana em diferentes épocas e sociedades. Pintura, música, literatura, dança, teatro, fotografia, cinema e outras manifestações não se limitam à produção de objetos considerados belos: elas também participam das maneiras pelas quais as pessoas comunicam experiências, constroem memórias e interpretam o mundo. Uma obra pode registrar acontecimentos coletivos, tornar visível uma experiência individual ou permitir que uma sensação difícil de nomear encontre uma forma. Por isso, pensar a arte a partir da Psicologia significa observar tanto o produto artístico quanto os processos de criação, recepção e atribuição de sentidos que se desenvolvem em torno dele.

A constituição do sujeito não ocorre isoladamente. A história pessoal é atravessada pelas relações sociais, pela linguagem, pelas condições materiais de vida e pelos repertórios culturais disponíveis.

A forma como alguém compreende a si mesmo, expressa sentimentos e interpreta acontecimentos está relacionada às experiências vividas e aos recursos simbólicos que encontra no ambiente. A arte pode integrar esse repertório porque oferece diferentes modos de representar e compartilhar aspectos da experiência humana.

Na perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento psicológico é compreendido em relação à cultura e às interações sociais. Vigotski (2007) destaca a importância dos processos sociais e culturais para a formação das funções psicológicas superiores. Essa compreensão permite considerar que os modos de sentir, pensar e agir não são explicados apenas por características individuais: eles também se desenvolvem em relações históricas e culturais. A experiência artística, portanto, pode ser analisada como uma atividade humana que articula indivíduo, sociedade e produção simbólica.

Zanella et al. (2005), ao discutirem a criação artística, destacam a articulação entre saber, fazer e sentir e a relação entre a produção e os movimentos de objetivação e subjetivação. Essa abordagem ajuda a deslocar o olhar de uma compreensão da arte como simples resultado material para uma análise do processo pelo qual a pessoa se envolve com materiais, técnicas, referências e significados. Ao criar, o sujeito transforma materiais e, simultaneamente, pode reorganizar a maneira como percebe a própria experiência.

Isso não significa que toda obra seja autobiográfica, que toda atividade artística produza alívio emocional ou que exista uma interpretação correta para cada manifestação. A relação entre arte e sujeito é singular e depende das condições em que a experiência ocorre. Uma mesma música, imagem ou narrativa pode produzir

associações diferentes entre pessoas distintas e até mesmo na mesma pessoa em momentos diversos. A análise psicológica precisa preservar essa pluralidade, evitando reduzir a obra a um diagnóstico ou a uma explicação única.

Este artigo tem como objetivo discutir de que maneira a arte pode participar do processo de constituição do sujeito, considerando sua relação com a subjetividade, a expressão de sentimentos e a produção de sentidos. Para isso, apresenta uma discussão bibliográfica sobre a relação entre arte e Psicologia, a contribuição da perspectiva histórico-cultural, a singularidade da experiência estética e as implicações dessa discussão para práticas psicológicas. O texto também delimita cuidados necessários para que a valorização da arte não se transforme em promessa de resultados universais.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza teórico-reflexiva. A opção pela pesquisa bibliográfica está relacionada ao objetivo de discutir conceitos e argumentos já desenvolvidos por autores que investigam a arte, a subjetividade e os processos de constituição humana. Não foram realizadas entrevistas, observações de campo, intervenções clínicas ou coleta de dados com participantes. Assim, as reflexões apresentadas não devem ser entendidas como resultados de uma pesquisa empírica própria.

O eixo da discussão é formado pelas contribuições de Vigotski, especialmente as reflexões sobre o desenvolvimento psicológico e a Psicologia da Arte, e pelo estudo de Zanella e colaboradores (2005),

dedicado à criação artística e aos movimentos de objetivação e subjetivação. Também é considerada a discussão de Sousa, Dugnani e Reis (2018) sobre fundamentos e práticas da Psicologia da Arte. A obra de Winnicott (1975) é utilizada como referência complementar para pensar a experiência cultural e a criatividade, sem pressupor que sua abordagem seja idêntica à perspectiva histórico-cultural.

A leitura foi organizada por temas: arte como produção simbólica; constituição social e cultural da subjetividade; criação e apreciação artística; singularidade dos sentidos; e implicações para a Psicologia. A análise buscou aproximar os argumentos dos autores sem apagar suas diferenças teóricas. Quando conceitos de tradições distintas são colocados em diálogo, isso é feito como aproximação interpretativa, e não como afirmação de que os autores sustentam uma teoria única.

Por se tratar de estudo bibliográfico, suas conclusões são de natureza argumentativa. Elas dependem do conjunto de obras considerado e não permitem afirmar a eficácia de uma intervenção artística específica. Pesquisas futuras podem aprofundar a discussão por meio de estudos empíricos, desde que definam seus objetivos, procedimentos, participantes e critérios éticos de maneira adequada.

3. ARTE, SUBJETIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A noção de sujeito envolve mais do que a existência de uma individualidade isolada. A pessoa se constitui em relações: aprende linguagens, incorpora referências, participa de práticas sociais, enfrenta limites materiais e produz interpretações sobre o que vive. A subjetividade pode ser entendida, nesse contexto, como um

processo em movimento, relacionado às formas singulares de sentir, pensar, lembrar, desejar e se posicionar diante do mundo. Essa singularidade não surge fora da sociedade; ela se forma na relação com outras pessoas e com os recursos culturais disponíveis.

A arte participa desse processo porque cria possibilidades de expressão que não dependem exclusivamente da explicação verbal. Uma imagem pode reunir cores, linhas e formas para representar uma experiência; uma composição musical pode organizar ritmos e sons que se associam a lembranças; uma narrativa pode permitir que acontecimentos sejam vistos por outra perspectiva. Esses exemplos não significam que a arte substitua a palavra, mas mostram que a experiência humana pode ser elaborada por diferentes meios simbólicos.

A produção artística também envolve escolhas. Mesmo quando a pessoa trabalha a partir de uma proposta ou de uma técnica já conhecida, ela seleciona materiais, modifica elementos, rejeita alternativas e atribui importância a determinados detalhes. Essas ações podem tornar perceptíveis modos de perceber e organizar a experiência. No entanto, não é adequado transformar cada escolha estética em sinal psicológico fixo. O sentido de uma cor, de uma forma ou de um tema precisa ser compreendido no contexto em que foi produzido e na explicação que a própria pessoa atribui a ele.

A relação entre arte e subjetividade também aparece na apreciação. O sujeito não recebe uma obra de maneira inteiramente passiva: interpreta-a a partir de sua memória, de seus conhecimentos, de suas referências e de sua situação atual. Uma obra pode despertar reconhecimento, estranhamento, desconforto, prazer ou indiferença. Nenhuma dessas respostas, isoladamente, define o valor da obra ou

o estado psicológico de quem a observa. A experiência estética se constrói na relação entre a produção, o contexto e o observador.

Compreender a arte como parte da constituição subjetiva implica reconhecer que ela pode contribuir para a criação de narrativas sobre si. A pessoa pode encontrar numa canção palavras para uma experiência que ainda não sabia descrever, reconhecer em uma personagem um conflito que considera familiar ou reinterpretar uma lembrança depois de produzir uma imagem. Esse movimento não é necessariamente linear: algumas experiências tornam-se mais compreensíveis, outras permanecem ambíguas, e algumas produções podem suscitar perguntas novas em vez de respostas definitivas.

Por essa razão, é importante evitar uma visão instrumental que avalie toda atividade artística apenas pelo benefício psicológico que supostamente produz. A arte também pode existir por curiosidade, prazer, experimentação, crítica social, participação comunitária ou busca estética. Sua relevância para a constituição do sujeito não depende de que cada produção tenha finalidade terapêutica. A possibilidade de criar e participar da vida cultural já merece ser considerada como dimensão significativa da experiência humana.

4. A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

A Psicologia Histórico-Cultural oferece recursos para compreender o desenvolvimento humano a partir da relação entre pessoa, cultura e vida social. Em Vigotski (2007), as funções psicológicas superiores são discutidas em conexão com processos de desenvolvimento mediados socialmente. Essa perspectiva questiona explicações que tratam o indivíduo como se suas capacidades se formassem

independentemente da linguagem, da aprendizagem e das relações que estabelece com outras pessoas.

Aplicada à discussão da arte, essa orientação permite reconhecer que as formas artísticas não aparecem no vazio. Técnicas, materiais, gêneros, estilos e critérios de reconhecimento são construídos e transmitidos em contextos históricos. Aprender a desenhar, tocar um instrumento, escrever poemas ou participar de uma encenação envolve contato com signos, convenções, pessoas e práticas culturais. Mesmo quando a criação se apresenta como original, ela dialoga com repertórios já existentes, que podem ser reproduzidos, combinados, questionados ou transformados.

A cultura não deve ser compreendida apenas como um conjunto de conteúdos recebidos passivamente. Os sujeitos participam de práticas culturais, atribuem sentidos a elas e podem modificá-las. A criação artística exemplifica esse movimento: alguém utiliza recursos disponíveis, mas pode reorganizá-los para produzir uma forma nova ou comunicar uma perspectiva particular. O produto passa a integrar o mundo social e pode ser interpretado por outras pessoas de maneiras que ultrapassam a intenção inicial de quem o criou.

Em Psicologia da Arte, Vigotski (1999) examina a relação entre a obra artística e os processos psicológicos envolvidos na experiência estética. Sua contribuição permite tratar a arte como objeto de investigação psicológica, em vez de reduzi-la a ilustração de estados emocionais. A obra possui organização própria e sua experiência envolve a relação entre elementos formais, conteúdo e recepção. Por isso, uma análise psicológica cuidadosa precisa considerar a

estrutura da produção artística e as condições da experiência, e não apenas procurar uma emoção isolada por trás dela.

A articulação entre cultura e singularidade é central. Se as linguagens artísticas são socialmente construídas, isso não elimina a maneira particular como cada pessoa se apropria delas. Duas pessoas podem aprender a mesma técnica e produzir trabalhos diferentes; podem assistir ao mesmo filme e destacar aspectos distintos; podem compartilhar referências culturais sem chegar às mesmas interpretações. A história individual participa da experiência, mas não pode ser separada das relações sociais que a tornam possível.

Essa abordagem também ajuda a questionar hierarquias rígidas entre formas de arte. As práticas reconhecidas por instituições culturais não esgotam as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentido por meio de imagens, sons, narrativas, gestos e objetos. A relevância psicológica de uma atividade não deve depender exclusivamente de sua consagração estética. É necessário observar o contexto, os objetivos dos participantes e os sentidos que atribuem ao que fazem, sem confundir valorização da diversidade com ausência de análise crítica.

5. CRIAÇÃO ARTÍSTICA: SABER, FAZER E SENTIR

Zanella et al. (2005) analisam a criação artística como um processo em que se articulam saber, fazer e sentir. Essa formulação é importante porque impede que a criação seja descrita como um acontecimento puramente espontâneo ou exclusivamente técnico. Produzir uma obra envolve conhecimentos, procedimentos, materiais, decisões e afetos. O processo pode incluir planejamento e

domínio de técnicas, mas também experimentação, dúvida, revisão e descoberta.

O fazer artístico estabelece uma relação concreta com o mundo. A pessoa precisa lidar com as propriedades dos materiais, com o tempo disponível, com limitações físicas e com as condições de produção. Ao pintar, por exemplo, a intenção inicial encontra a resistência do suporte, a mistura das cores e o resultado inesperado de um gesto. Na música, uma ideia precisa ser organizada em ritmo, duração e sequência sonora. Na escrita, uma experiência é transformada em palavras, imagens narrativas e escolhas de estrutura. Em cada caso, o processo exige negociação entre intenção e materialidade.

O conceito de objetivação pode ajudar a pensar como uma ideia, uma percepção ou uma experiência assume uma forma exterior. A subjetivação, por sua vez, permite refletir sobre como a pessoa se transforma e se reconhece nas relações que estabelece com aquilo que produz. Esses movimentos não precisam ser entendidos como etapas separadas. A criação pode modificar a ideia inicial, e o contato com o resultado pode levar o sujeito a reinterpretar o que pretendia expressar.

É comum imaginar que uma produção artística deva transmitir com clareza uma emoção previamente definida. Entretanto, muitos processos de criação começam com uma sensação vaga, uma imagem incompleta ou uma curiosidade. O sentido pode surgir durante o trabalho, e não apenas antes dele. A pessoa pode reconhecer posteriormente uma associação que não estava consciente no início ou concluir que a produção expressa algo diferente do que imaginava. Essa possibilidade torna a criação um

espaço de investigação, sem garantir que todo processo produza uma descoberta pessoal.

O erro e a revisão também fazem parte da experiência criadora. Um resultado inesperado pode provocar frustração, mas pode igualmente abrir uma alternativa que não havia sido considerada. O sujeito aprende a lidar com limites, avaliar possibilidades e tolerar certa incerteza. Essas experiências não são exclusivas da arte, mas podem ser vividas de modo concreto no processo artístico. É importante, contudo, não transformar essa observação em promessa de desenvolvimento psicológico automático: os efeitos dependem das condições, do sentido da atividade e do envolvimento de cada pessoa.

A criação pode ainda ampliar a relação com outras pessoas. Uma obra pode ser compartilhada, comentada, questionada ou reinterpretada. O retorno recebido pode contribuir para que o autor perceba aspectos que não havia notado, mas também pode gerar constrangimento ou conflito. A participação coletiva exige atenção ao respeito, à autoria e à liberdade de não expor conteúdos pessoais. Uma atividade artística só se torna um espaço de diálogo quando há condições para que os participantes sejam ouvidos sem que suas produções sejam julgadas como provas de caráter ou como diagnósticos.

6. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A experiência estética não se resume a gostar ou não gostar de uma obra. Ela pode envolver atenção, memória, imaginação, estranhamento, identificação e reflexão. Em alguns casos, a pessoa reconhece uma situação familiar; em outros, entra em contato com

modos de vida e perspectivas que desconhecia. A obra pode organizar elementos conhecidos de maneira inesperada, produzindo uma distância em relação à experiência cotidiana e abrindo possibilidades de interpretação.

A contribuição de Vigotski (1999) para a Psicologia da Arte é relevante justamente porque a experiência artística pode ser estudada sem reduzi-la a uma resposta emocional simples. A forma da obra participa da maneira como o conteúdo é percebido. Ritmo, composição, linguagem, contraste, repetição, silêncio e outros recursos podem organizar a experiência do público. Assim, o significado não se encontra apenas no tema abordado nem pode ser deduzido de uma reação isolada do observador.

A recepção de uma obra também depende do contexto. A mesma música pode ser associada a um acontecimento familiar por uma pessoa e a uma experiência coletiva por outra. Um filme pode ser interpretado de modo diferente conforme a idade, as referências culturais, o momento de vida e as condições em que é assistido. Essas diferenças não precisam ser tratadas como erros de leitura. Elas demonstram que a experiência estética envolve a relação entre a obra e a história de quem a encontra.

A atribuição de sentidos pode mudar com o tempo. Uma narrativa que parecia distante pode tornar-se significativa depois de uma experiência pessoal; uma obra anteriormente apreciada pode ser vista de outra forma após o contato com novas informações. A interpretação não é um processo encerrado no primeiro encontro. Essa temporalidade é importante para a Psicologia, pois mostra que a relação do sujeito com as produções culturais pode acompanhar

mudanças em suas perguntas, preocupações e formas de compreender a própria trajetória.

É necessário distinguir expressão de comunicação transparente. Uma produção pode expressar algo para quem a criou sem que outras pessoas compreendam exatamente o mesmo conteúdo. Isso não torna a experiência inválida. A obra pode oferecer uma forma de presença, registro ou exploração sem precisar traduzir integralmente uma vivência em uma mensagem clara. Da mesma forma, o observador deve evitar supor que consegue conhecer a experiência do artista apenas por meio do que vê ou escuta.

A arte pode, portanto, contribuir para a produção de sentidos sem eliminar ambiguidades. Em certas situações, o ganho não consiste em encontrar uma explicação final, mas em formular uma pergunta, reconhecer uma contradição ou perceber que uma experiência admite mais de uma interpretação. Essa abertura é especialmente importante quando a arte é mobilizada em contextos educativos, comunitários ou psicológicos, nos quais há risco de impor uma leitura externa sobre a produção de alguém.

7. CRIATIVIDADE, BRINCAR E EXPERIÊNCIA CULTURAL

Winnicott (1975), ao discutir o brincar e a realidade, dedica atenção à criatividade e à experiência cultural. Sua perspectiva pode ser colocada em diálogo com a discussão da arte como espaço de experimentação, desde que se reconheçam as diferenças entre as tradições teóricas. O brincar e a criação podem envolver uma área de experiência em que a pessoa experimenta possibilidades, atribui significados e se relaciona com objetos e símbolos sem que tudo precise ser reduzido à realidade externa ou à fantasia individual.

O brincar permite ensaiar papéis, inventar regras, modificar narrativas e testar formas de relação. A criação artística pode apresentar características semelhantes quando oferece espaço para explorar materiais, imagens e histórias. Isso não significa que brincar e fazer arte sejam atividades idênticas, nem que todas as produções artísticas tenham origem lúdica. A aproximação serve para destacar que a experiência criadora pode envolver liberdade relativa, experimentação e construção de significados.

A criatividade também não deve ser confundida com a obrigação de produzir algo original ou extraordinário. Ela pode aparecer em pequenas decisões, na adaptação de uma técnica, na combinação de referências ou na maneira particular de realizar uma atividade conhecida. Exigir resultados considerados geniais pode transformar a criação em fonte de comparação e ansiedade. Uma compreensão mais ampla permite reconhecer o valor do processo e não apenas a qualidade atribuída ao produto final.

Em atividades coletivas, o brincar e a criação podem abrir oportunidades para cooperação e negociação. Participantes precisam combinar regras, compartilhar materiais, ouvir propostas e lidar com diferenças. Essas situações podem favorecer experiências de participação, embora também possam produzir conflitos. A qualidade do espaço depende da maneira como a atividade é organizada, da possibilidade de escolha e do respeito aos limites individuais. Não basta oferecer materiais artísticos para garantir um ambiente acolhedor.

A experiência cultural é igualmente importante porque a arte pode aproximar o sujeito de histórias, símbolos e modos de vida diferentes dos seus. O contato com produções de outros grupos pode ampliar

repertórios e favorecer perguntas sobre normas sociais. Para isso, é necessário evitar apropriações descontextualizadas ou apresentações que tratem culturas como conjuntos homogêneos. Uma prática responsável considera a origem das obras, os contextos em que circulam e as relações de poder envolvidas em sua valorização.

Assim, a aproximação entre criatividade, brincar e experiência cultural reforça que a constituição do sujeito envolve a possibilidade de participar ativamente do mundo simbólico. A pessoa não apenas recebe sentidos prontos; ela experimenta, combina, interpreta e compartilha. Ao mesmo tempo, a liberdade criadora não existe fora das condições sociais: acesso a materiais, tempo, espaços seguros e reconhecimento influenciam quem pode produzir arte e ter sua produção ouvida.

8. A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO EMOCIONAL

Nem toda experiência pode ser comunicada com facilidade por meio de palavras. Algumas pessoas encontram dificuldade para nomear sentimentos, organizar lembranças ou explicar por que determinado acontecimento foi significativo. A arte pode oferecer outros caminhos de expressão, porque permite trabalhar com sons, imagens, gestos, movimentos, metáforas e narrativas. Esses recursos não eliminam a linguagem verbal, mas podem complementá-la e ajudar a iniciar uma conversa sobre aquilo que ainda não foi formulado claramente.

Uma pessoa pode escolher uma música para representar um momento, produzir uma imagem a partir de uma lembrança ou construir uma narrativa ficcional que dialogue com uma

preocupação atual. Em todos esses casos, é possível que a atividade torne certos aspectos da experiência mais visíveis para quem cria. Entretanto, a interpretação deve partir da pessoa e de seu contexto, não de significados universais atribuídos previamente a cores, objetos ou temas. Uma imagem escura, por exemplo, não permite concluir por si só que alguém esteja triste ou em sofrimento.

A expressão emocional não é necessariamente catártica nem sempre produz alívio imediato. Uma atividade pode gerar prazer, tranquilidade, irritação, vergonha, cansaço ou sentimentos contraditórios. Algumas experiências podem se tornar mais intensas quando são evocadas, e a pessoa pode preferir interromper a atividade ou não compartilhar o resultado. Por isso, é importante que contextos que utilizam arte para trabalhar experiências pessoais respeitem a autonomia, ofereçam possibilidade de recusa e não obriguem ninguém a expor conteúdos íntimos.

A arte também pode favorecer distanciamento simbólico. Ao transformar uma experiência em personagem, cena, desenho ou metáfora, a pessoa pode observá-la sob outro ângulo. Esse distanciamento não significa negar o que aconteceu, mas criar uma forma de olhar para a experiência que não seja exatamente igual a revivê-la. O processo pode ajudar a formular perguntas e perceber nuances, mas não garante resolução de conflitos nem substitui o acompanhamento profissional quando ele é necessário.

A expressão emocional por meio da arte deve ser compreendida em relação ao ambiente social. Nem todas as pessoas têm o mesmo acesso a materiais, formação artística, espaços culturais ou oportunidades para compartilhar suas produções. Além disso, certas emoções são socialmente aceitas enquanto outras são reprimidas,

dependendo de normas de gênero, classe, idade, raça, religião e contexto comunitário. A possibilidade de expressar-se não depende apenas de uma capacidade individual; depende também de encontrar condições de escuta e reconhecimento.

Por fim, é importante não restringir a arte à expressão de sofrimento. A produção artística também pode comunicar alegria, curiosidade, humor, pertencimento, protesto, desejo e prazer estético. Reduzir toda obra a uma tentativa de descarregar emoções limita a compreensão de sua complexidade. A arte pode ser uma forma de elaborar experiências, mas também uma prática cultural, um trabalho, um gesto político ou uma atividade realizada pelo valor que possui para quem a pratica.

9. IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA E CUIDADOS ÉTICOS

A discussão da arte na Psicologia exige clareza sobre objetivos e limites. Uma atividade artística pode ser proposta em contextos educativos, comunitários, institucionais ou clínicos, mas sua finalidade não é automaticamente a mesma em todos eles. Em um espaço educativo, a atividade pode favorecer aprendizagem e participação; em um projeto comunitário, pode fortalecer trocas culturais; em um atendimento psicológico, pode ser utilizada como recurso dentro de uma proposta profissional fundamentada. Não se deve presumir que qualquer oficina artística seja psicoterapia ou que toda pessoa que utiliza arte esteja realizando tratamento psicológico.

Quando a arte é utilizada como recurso de trabalho psicológico, o profissional precisa explicar a finalidade da atividade, respeitar o ritmo dos participantes e considerar suas condições de participação.

É importante evitar interpretações fechadas sobre produções individuais e não atribuir diagnósticos a partir de um desenho, de uma música escolhida ou de uma narrativa isolada. Uma produção artística não funciona como prova direta e autossuficiente de um estado mental. Sua compreensão exige contexto, diálogo e métodos apropriados à finalidade da atuação.

O respeito à autonomia inclui o direito de não produzir, não explicar e não compartilhar. Em atividades coletivas, a exposição pública pode ser vivida como oportunidade por algumas pessoas e como ameaça por outras. O consentimento para participar não deve ser confundido com autorização automática para fotografar, divulgar ou arquivar a produção. Quando obras são utilizadas em relatórios, apresentações ou pesquisas, é necessário considerar privacidade, autoria, autorização e os cuidados éticos aplicáveis ao contexto.

Também é necessário evitar que a arte seja apresentada como substituta universal de cuidados de saúde ou como solução suficiente para problemas complexos. Condições de sofrimento são influenciadas por fatores pessoais, relacionais, sociais e materiais. Uma atividade criativa pode oferecer recursos de expressão ou participação, mas não elimina por si só desigualdades, violência, exclusão ou necessidade de tratamento especializado. A valorização da arte deve caminhar junto com o reconhecimento de limites e com o encaminhamento adequado quando necessário.

Outro cuidado consiste em reconhecer as desigualdades de acesso à cultura. Materiais, instrumentos, espaços de apresentação e formação podem ter custos; determinados grupos têm sua produção historicamente desvalorizada ou invisibilizada. Uma prática psicológica sensível à dimensão social precisa perguntar

quem define o que conta como arte, quais repertórios são reconhecidos e quais vozes ficam de fora. Isso amplia a discussão para além da experiência individual e evidencia a importância de condições coletivas para a participação cultural.

Por essas razões, o trabalho psicológico com arte requer postura não prescritiva e atenção à singularidade. Em vez de decidir antecipadamente o que uma produção significa, o profissional pode perguntar o que a pessoa deseja contar, que aspectos considera importantes e se quer conversar sobre o processo. Essa atitude não elimina a responsabilidade técnica; ao contrário, exige reconhecer os limites da interpretação e manter coerência entre objetivos, procedimentos e fundamentos teóricos.

10. DISCUSSÃO

A literatura discutida permite compreender a relação entre arte e constituição do sujeito por meio de três eixos articulados. O primeiro é a dimensão histórico-cultural: as linguagens artísticas, os materiais e os critérios de interpretação são construídos socialmente. O segundo é a atividade criadora: a pessoa transforma materiais e referências ao mesmo tempo que pode rever suas próprias percepções. O terceiro é a singularidade da recepção: o sentido de uma obra depende da relação entre sua organização, o contexto e a trajetória de quem a encontra.

Esses eixos ajudam a evitar duas reduções. A primeira seria tratar a arte como expressão puramente individual, ignorando os repertórios culturais e as condições sociais que tornam a criação possível. A segunda seria explicar a obra apenas por seu contexto, deixando de lado as decisões, interpretações e experiências singulares de quem

cria e de quem observa. A perspectiva histórico-cultural, em diálogo com estudos sobre criação artística, permite considerar que o sujeito se forma em relações sociais sem deixar de produzir respostas particulares a elas.

A discussão também mostra que expressão e transformação não são sinônimos automáticos. Uma pessoa pode expressar uma experiência sem alterar imediatamente a forma como a compreende; pode produzir uma obra sem desejar falar sobre ela; pode encontrar novos sentidos sem sentir alívio. Da mesma forma, o valor de uma produção não depende de que ela demonstre uma mudança psicológica observável. A arte pode participar de processos subjetivos, mas os efeitos variam e não devem ser afirmados sem evidências adequadas.

Os argumentos de Sousa, Dugnani e Reis (2018) ajudam a considerar a dimensão humanizadora e transformadora da Psicologia da Arte, enquanto Zanella et al. (2005) chamam atenção para a articulação entre saber, fazer e sentir na criação. Vigotski (1999, 2007) oferece bases para compreender a arte e o desenvolvimento humano em relação aos processos psicológicos e culturais. Winnicott (1975), por sua vez, contribui para a reflexão sobre criatividade e experiência cultural. Essas contribuições podem dialogar, mas não devem ser fundidas sem reconhecer suas diferenças de pressupostos e objetivos.

Uma implicação importante é que a arte precisa ser considerada tanto em sua dimensão pessoal quanto em sua dimensão coletiva. A obra pode permitir a elaboração de uma experiência individual e, ao mesmo tempo, participar de debates públicos, memórias compartilhadas e disputas sobre representação. A produção cultural

não se limita a revelar o que uma pessoa sente; ela também pode questionar normas, preservar histórias e tornar visíveis experiências que não encontram reconhecimento em outros espaços.

Há limites neste estudo. Por se tratar de uma revisão bibliográfica não sistemática e de caráter teórico-reflexivo, não foram estabelecidos critérios exaustivos de busca, nem foi avaliada empiricamente a eficácia de intervenções artísticas. As considerações apresentadas devem ser lidas como uma discussão conceitual baseada nas obras indicadas, não como comprovação de que a arte produza um efeito específico em todos os contextos. Investigações futuras podem examinar práticas concretas, ouvir participantes e descrever condições que favorecem ou dificultam a participação artística.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo discutir de que maneira a arte pode participar do processo de constituição do sujeito, considerando sua relação com a subjetividade, a expressão emocional e a produção de sentidos. A discussão bibliográfica permitiu compreender a arte como uma atividade simbólica e cultural que oferece diferentes formas de relação com a experiência, sem que seus significados sejam universais ou inteiramente previsíveis.

A partir da perspectiva histórico-cultural, destacou-se que a constituição subjetiva se desenvolve em relações sociais e culturais. As linguagens artísticas são aprendidas e transformadas em contextos históricos, mas cada sujeito se apropria delas de maneira singular. A criação pode articular saber, fazer e sentir, enquanto a apreciação envolve memória, repertório e interpretação. Esses

processos tornam a arte relevante para a compreensão psicológica da relação entre indivíduo e mundo.

Também foi ressaltado que a arte pode oferecer recursos para expressar experiências que nem sempre encontram formulação verbal imediata. Isso não significa que toda atividade artística seja terapêutica, que toda produção revele diretamente o estado psicológico de seu autor ou que uma mesma obra provoque efeitos iguais em pessoas diferentes. O respeito à singularidade exige evitar interpretações deterministas e reconhecer o direito de cada pessoa de atribuir sentido à própria produção, inclusive de não explicá-la.

No campo da Psicologia, a utilização da arte demanda objetivos claros, postura ética e atenção às condições sociais de participação. A atividade artística não deve substituir automaticamente outros cuidados, nem ser apresentada como solução universal para problemas complexos. Sua contribuição depende do contexto, da forma como é proposta e das relações que se estabelecem durante o processo. É essencial respeitar autonomia, privacidade, autoria e diversidade cultural.

Conclui-se que a arte pode participar da constituição do sujeito ao ampliar os meios de expressão, favorecer a construção de narrativas e possibilitar novas relações com experiências pessoais e coletivas. Seu valor não está apenas em produzir resultados mensuráveis, mas também em abrir espaços de criação, encontro, interpretação e participação cultural. Para aprofundar essa compreensão, são necessários estudos empíricos que investiguem diferentes práticas e contextos, sem reduzir a complexidade da experiência artística a efeitos únicos ou previamente definidos.

12. PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS

Uma agenda de pesquisa sobre arte e constituição do sujeito pode aprofundar a diversidade de experiências artísticas sem presumir que todas funcionem da mesma maneira. Estudos futuros podem observar atividades de desenho, música, escrita, teatro, dança ou produção audiovisual em contextos distintos, descrevendo como as pessoas participam, quais sentidos atribuem às atividades e que condições favorecem ou dificultam o envolvimento. A comparação entre contextos pode contribuir para diferenciar as características de cada linguagem e evitar que a expressão artística seja tratada como uma prática homogênea.

Também seria relevante investigar a relação entre criação individual e produção coletiva. Em atividades compartilhadas, a negociação de ideias, a divisão de tarefas, a escuta e a apresentação pública podem assumir papéis importantes. Entretanto, o grupo não é necessariamente um espaço de acolhimento: podem surgir conflitos, desigualdades de participação e receio de julgamento. Pesquisas que descrevam esses processos podem oferecer uma compreensão mais cuidadosa sobre os fatores que contribuem para experiências de participação ou exclusão.

Outro caminho consiste em ouvir os próprios participantes sobre suas experiências, em vez de basear a análise somente na interpretação de observadores ou profissionais. Entrevistas, relatos escritos e registros do processo, quando metodologicamente e eticamente adequados, podem ajudar a compreender quais sentidos as pessoas atribuem às produções e como esses sentidos se modificam ao longo do tempo. A escuta dos participantes

também contribui para evitar leituras que atribuam significados universais a elementos visuais, sonoros ou narrativos.

Em contextos de Psicologia, estudos empíricos precisam definir com precisão se investigam participação cultural, expressão, vínculo, bem-estar, elaboração de experiências ou outro fenômeno. Esses objetivos não são equivalentes e exigem procedimentos próprios. Caso se pretenda avaliar efeitos de uma intervenção, é necessário explicitar a metodologia, os critérios de análise, as limitações e as condições em que os resultados podem ser interpretados. A simples presença de uma atividade artística não permite concluir que tenha ocorrido uma mudança psicológica causada por ela.

Por fim, a pesquisa deve considerar acessibilidade e desigualdade. O acesso a materiais, espaços culturais, tempo livre e oportunidades de formação varia conforme as condições de vida. Investigar quem consegue participar, quais produções são valorizadas e como as instituições acolhem diferentes repertórios pode ampliar a compreensão da arte para além da experiência individual. Esse enfoque reforça que a possibilidade de criar e compartilhar arte depende tanto da iniciativa pessoal quanto das condições sociais que sustentam a participação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUSA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 35, n. 4, p. 375–388, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Psicologia da arte. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZANELLA, Andréa Vieira; REIS, Alice Casanova dos; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia; FRANÇA, Kelly Bedin; DA ROS, Silvia Zanatta. Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. Psico-USF, Itatiba, v. 10, n. 2, p. 191–199, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200011.

---

[1] Graduando em Psicologia pela FEST. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[2] Coordenação. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.